

CURSO – MEDICINA/USP


Rodrigo Nicida Garcia

“Quando prestei vestibular eu não tinha noção do que era o dia a dia da Medicina.”

Rodrigo Nicida Garcia entrou direto do colégio na Pinheiros. Hoje está no 6º ano do curso de Medicina. Ele detalha sua preparação no colégio, a formação na USP, as atividades de que participou – incluindo intercâmbio com estágio prático na Alemanha – e diz que sua preocupação maior nesta fase de conclusão de curso é definir a especialização que vai buscar na Residência.

JC – A escolha de Medicina se deu quando?

Rodrigo – Desde o Fundamental eu falava que queria fazer Medicina, mas não era tão fechado assim. Eu pensava em carreiras que fossem tradicionais: Direito, Engenharia ou Medicina. Só fui pegar o Projeto Medicina no 3º ano do Ensino Médio.

Quando decidiu que Medicina seria sua carreira, sua primeira opção era a Pinheiros?

Minha opção era fazer a USP. Meus pais estudaram na USP, meu pai se formou na Pinheiros, minha irmã estava na USP, lá em casa todo mundo acha que a USP é a melhor universidade do mundo.

Além da Fuvest, você prestou quais vestibulares?

Prestei Unicamp e Unifesp e fiz também Enem, mais por causa da Redação, que contava para a Unifesp. Fui aprovado em todas.

O que faria se não fosse aprovado na USP?

Das que prestei, USP, Unifesp, Unicamp, eu teria ido para qualquer uma. Se não passasse teria prestado de novo no ano seguinte.

Quando você veio para o Etapa?

No 9º ano do Fundamental. Quando pensei em fazer Medicina, meu pai falou: “Já que é isso que você quer, é bom procurar um colégio que dê um enfoque maior para isso”. Aí vim para o Etapa.

No Ensino Médio, como você estudava?

Sempre estudei pelo que o colégio me dava. Acho o sistema do Etapa muito bom. Ter uma prova por dia me levou a estudar todos os dias. Não fiz muito além disso nos dois primeiros anos do Ensino Médio. No 3º ano entrei no Projeto Medicina, com mais resolução de exercícios. Aqui tinha todo o material mastigadinho. A gente não percebe, quando está no colégio, como faz diferença alguém já ter resumido o trabalho para você. O que cai nos vestibulares está coberto e recoberto com tudo que o Etapa oferece. Não precisava ir atrás.

No colégio, além das aulas, você participava de outras atividades?

Eu gostava bastante de música, tinha uma banda, a gente participava do Etapa Jam e da Gincana do colégio. Era o principal passatempo.

ENTREVISTA

Carreira – Medicina

1
CONTO

Tílburi de praça – Raul Pompeia

3
ARTIGO

Estudo da Poli-USP mostra queda acentuada de polinização com impacto na agricultura

5

Pesquisadora portuguesa participa de sarau do Clube de Leitura sobre Fernando Pessoa

6
ENTRE PARÊNTESES

Os mágicos

6
ESPECIAL

Alunos do Colégio Etapa conquistam dois ouros na IPhO 2017, na Indonésia

7

Como foi sua adaptação na Pinheiros?

Não tive dificuldade muito grande porque estava todo mundo meio que na mesma situação. Grande parte das pessoas saiu daqui da região mesmo. Um pessoal até demograficamente meio homogêneo. Era, agora está mudando. Na época era realmente um pessoal meio parecido de origem, por mais que tivesse gente de vários lugares, de outros estados, de muitas idades diferentes. Tinha colegas de 30, 24 anos, de 18, como eu, mas todo mundo conversava de igual para igual. Uma dificuldade era acompanhar as aulas, longuíssimas, de quatro horas, de temas muito complexos.

O que você estudou em cada ano do curso?

No 1º ano as matérias eram Biologia Celular, Bioquímica, coisas de Biologia mais básica. No 2º ano a gente começou a ter Fisiologia, que é ver realmente como funcionam os sistemas no corpo. Teve várias Fisiologias – Fisiologia do Sistema Cardiovascular, do Sistema Nervoso, do Sistema Reprodutor, uma série de coisas diferentes. No 3º ano teve Patologia, que é ver como funcionam as coisas quando as doenças estão acontecendo. Você vê como é uma doença. No 4º ano você começa a colocar o pé na área Clínica. A gente passa em enfermarias, vê os casos e os discute com os professores. O estudo é com base nos casos. Depois, no 5º e no 6º ano, é o Internato.

De que atividades extras você participou na Pinheiros?

No 1º ano joguei vôlei, toquei na bateria da Atlética, fui plantonista de Matemática no cursinho de lá. Entrei também no Remusp, o Recital dos Estudantes de Medicina da USP. Desde o 1º ano fiz ligas acadêmicas também. No 2º ano saí do vôlei, da bateria, deixei de ser plantonista e passei a frequentar menos a Atlética. Fiquei mais no Remusp, fiz mais algumas ligas e comecei Iniciação Científica.

De quais ligas você participou?

Entre outras, fiz a de Hipertensão Arterial Sistêmica em 2012 e 2013, a de Técnica Cirúrgica e Cirurgia Experimental em 2014, a de Combate à Febre Reumática em 2014. Em 2013 também comecei Iniciação Científica e fui à Bandeira Científica.

Qual foi o tema da Iniciação Científica?

Neurocrescimento cognitivo. A ideia de que ao longo do tempo as habilidades cognitivas das pessoas vão mudando aos poucos. Algumas habilidades têm um certo declínio, outras não têm. Isso é possível medir por alguns testes padronizados. E relacionar isso com medidas de ressonância magnética da simetria cerebral e fazer correlação estatística com essas variáveis para tentar achar em quais áreas tal relação se dá e com isso formular uma hipótese de por que isso acontece. Foi um projeto que desenvolvi praticamente do zero, eu e meu orientador.

Na Bandeira Científica você foi para onde?

Para a cidade de Pedra Azul, no norte de Minas Gerais, quase na Bahia. Demora 25 horas de ônibus para chegar lá.

O que você fez na Bandeira Científica?

Você faz atendimento mesmo ou faz alguns projetos sociais, trabalhos mais de pesquisa, levantamento epidemiológico. Vai andando pelas ruas da cidade, conversa com as pessoas, faz alguns questionários. Você faz todas as atividades, em rodízio.

O que mais você fez durante a graduação?

Em 2015, nos meses de janeiro e fevereiro, fiz um intercâmbio de cinco semanas na Universidade de Charité, em Berlim. É uma universidade de Medicina com um complexo hospitalar bem grande.

O que você estudou nesse intercâmbio?

Foi um estágio prático em Anestesiologia e Terapia Intensiva. Fiquei na área de Anestesia em Fisiologia. Acompanhava no hospital o trabalho dos anestesistas, entrava nos centros cirúrgicos, fazia os procedimentos. Isso foi uma oportunidade que a faculdade me deu. Ela tem convênio com algumas universidades na Europa, Estados Unidos também. Recebi uma bolsa do Santander. Foi uma experiência curta, mas bem legal.

O curso de Medicina exige algum estágio durante a graduação?

Estágio no sentido que o pessoal dos outros cursos faz, como Direito e Poli, a gente não tem na Medicina porque nosso curso é em período integral. No 5º e no 6º ano inteiro é o Internato. A gente fica com parte da equipe médica e passa por vários setores do Hospital das Clínicas e do Hospital Universitário. Tem experiências em várias áreas. Em algumas delas a gente realmente põe bastante a mão na massa e faz um trabalho ao lado do médico. Claro, com toda supervisão. O Internato é uma vivência bem intensa.

Qual é sua maior preocupação neste último ano da faculdade?

Minha maior preocupação agora é escolher a Residência que vou prestar. Como se fosse o vestibular de novo, a gente tem prova para Residência no final do 6º ano.

Você já sabe para qual área de especialização vai prestar a prova de Residência?

Não. Esse é meu problema. Ainda não escolhi. Metade dos meus colegas já escolheu, mas tem gente, como eu, que ainda está na dúvida.

Mas você tem preferência por quais especialidades?

Tenho dúvidas entre áreas de Clínica – faria Cardiologia, possivelmente – e Cirurgia ou Oftalmologia. São as especialidades em que penso mais.

Na Medicina, a realidade do dia a dia é muito diferente do que você imaginava quando prestou vestibular?

Quando prestei vestibular eu não tinha noção do que era o dia a dia da Medicina. Entrando na faculdade, comecei a ver o que de fato é a prática médica, bem diferente do que as pessoas pensam em geral ao prestar vestibular, época em que se tem uma visão mais romantizada do que é na verdade. Depois você vê que é uma coisa muito mais compartimentada. Cada pessoa tem uma especialização, em São Paulo principalmente são superespecializados. Acho que se você perguntar a alunos do 1º ano qual a especialidade que querem, grande parte vai falar Cardiologia, Neurocirurgia, Oncologia. É muito mais querer fazer a diferença na vida de alguém. Tem essa pegada de altruísmo. Mas interesse mesmo por uma área, achar a área que vale a pena conhecer, escolher uma especialidade acaba sendo uma das dores da carreira. Permanece aquela vontade de querer ter contato com tudo, querer ver tudo, querer aquela Medicina do *House*, *Grey's Anatomy*, que eu queria lá atrás quando estava no colégio.

Algum episódio foi marcante nesses anos de formação como médico?

A primeira cirurgia foi uma coisa que marcou, era uma cirurgia pequena, de mama. Lembro que minha visão de cirurgia, dos filmes, é que havia uma certa solenidade, o cirurgião ia cortando com toda a delicadeza do mundo. E não era nada disso. O cirurgião fez um corte na mama, enfiou o dedo e começou a mexer com força. Pensei: “Meu Deus,

vai estragar tudo”. Mas é assim mesmo, cirurgia é uma coisa muito menos delicada do que a gente pensa.

Você tem amigos da época do colégio?

Tenho, ainda falo com meus amigos mais próximos. Acabei perdendo um pouco de contato com os que foram para fora do país, mesmo assim uma vez por ano a gente tenta se ver. Meu amigo mais próximo entrou também na Pinheiros um ano depois de mim, a gente se vê lá. Outro foi para a São Francisco, continuamos nos falando.

Quais suas memórias mais pessoais do tempo no colégio?

Eu gostava muito de ir para as aulas por causa dos amigos que estavam lá. A gente tinha muito contato, ficávamos todo o tempo juntos. O que eu mais lembro do colégio é desses momentos de ficar conversando. Todo mundo próximo, unidos. Gostava também dos eventos de música que tinha aqui e das aulas de professores que eram realmente muito bons, tinham toda uma técnica de dar aula. Nunca mais vi aulas tão bem dadas.

O que você pode dizer a quem vai prestar Medicina no final do ano?

Para quem está querendo Medicina, ou qualquer outra área, o importante é saber se é o que quer mesmo. Não acho uma boa ideia se contentar com outras escolhas, pensar que outras coisas são mais convenientes, mais fáceis. É melhor ir atrás do que você realmente quer. Senão depois vai ficar com arrependimento de não ter corrido atrás.

CONTO

Tílburi de praça

Raul Pompeia

Não encontraram por aí minha mulher?... É original. Desde que me casei... Eu por uma porta, ela por outra. Só nos encontramos uma vez frente a frente com vontade. Eu entrava por um lado, ela entrava por outro... A nossa vida de casados é uma verdadeira questão aberta. Entrar e sair é tudo a mesma coisa. Acontece, porém, que ela está sempre fora e eu nunca estou dentro. Já me disseram:

– Cuidado, João, tua mulher tem amantes...

Eu estou de olho... Não há perigo. Olhem, aqui em casa, eles não me passam a perna... Na rua eu a espio... Onde ela entra, entro eu atrás. Casei, todos sabem, não foi por dinheiro – tenho os meus prédios. Casei por paixão, ou antes, por compaixão. Vi-a no seu véu tristezinho de viúva com os olhos pretos por baixo, que não tinham

nada de luto, valha a verdade. Olhou para mim docemente. Eu tenho os prédios... Lembrei-me deles com orgulho, diante daquela formosíssima soledade. Comecei a gostar dela. Um homem, depois de cinquenta, não namora – os dedos estão perros para o bandolim das serenatas, o luar dos balcões tem reumatismos. Desde que há meia dúzia de prédios, é logo casamento... Foi o diabo. Logo na igreja dei com a viuvinha olhando um convidado... Viúvo de uma mulher como eu tive, boa, gorda, pacata, amiga do rapé e dos seus cômodos, casar com aquela figurinha saltitante, de olhos pretos, que, logo ali, começava a pular-me fora do matrimônio... Estive quase a desmanchar tudo, na hora do “recebo a vós”... Não faz mal, pensei, porém, gosto dela... Que diabo! Se casar com outra, não